

O livro «2.º Caderno de Intervenção Cultural e Educação Artística - Pensar a ação em investigação e intervenção artística» inclui onze textos relativos a diferentes perspetivas de ação, investigação e reflexão sobre intervenção e animação artísticas, nas suas diversas vertentes e contextos de realização. Transversalmente, esta coletânea salienta a importância da vivência da experiência artística para o desenvolvimento individual e coletivo e (in)forma sobre modos para a sua concretização.

**Apoios:**



## 2.º Caderno de Intervenção Cultural e Educação Artística

- Pensar a ação em investigação e intervenção artística

2.º Caderno de Intervenção Cultural e Educação Artística

- Pensar a ação em investigação e intervenção artística

**Prefácio:**

Rosalinda Chaves

**Organizadores:**

Lúcia Grave Magueta / Jenny Sousa

Sandrina Milhano / Maria de São Pedro Lopes

**Edição:**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria



## **2.º Caderno de Intervenção Cultural e Educação Artística**

**- Pensar a ação em investigação e intervenção artística**

### **Organizadores:**

Lúcia Grave Magueta

Jenny Sousa

Sandrina Milhano

Maria de São Pedro Lopes

### **Prefácio:**

Rosalinda Chaves

### **Edição:**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

### **Apoio:**

CI&DEI – Centro de Estudos em Educação e Inovação

**Título:**

**2.º Caderno de Intervenção Cultural e Educação Artística** - Pensar a ação em investigação e intervenção artística

**Organizadores:**

**Lúcia Grave Magueta**, ESECS, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal, Ciência ID - F214-6B4F-713B; ORCID ID 0000-0003-0203-571X

**Jenny Sousa**, ESECS, CICS.NOVA.IPLeiria-iACT, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal, Ciência ID - D718-1B-53-F947; ORCID ID 0000-0003-1626-6746

**Sandrina Milhano**, ESECS, CI&DEI, CICS.NOVA, Politécnico de Leiria, Portugal, Ciência ID - 4E12-804B-3E3F; ORCID ID 0000-0001-6747-9472

**Maria de São Pedro Lopes**, ESECS, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal, Ciência ID - 4017-CAE0-2E6E; ORCID ID 0000-0003-2835-978X

**Edição:**

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

**Execução Gráfica:**

Gráfica Ediliber - Coimbra

ISBN: 978-989-8797-69-8

Depósito legal: 492899/21

*Este trabalho é cofinanciado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P. no âmbito do projeto Ref<sup>a</sup> UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Leiria pelo apoio prestado.*



### **Revisão Científica:**

Esta edição foi sujeita a revisão científica por pares:

**Eva Navarro** - Universidade de Valladolid

**Carla Freire** - Politécnico de Leiria, Portugal

**Jenny Sousa** - Politécnico de Leiria, Portugal

**Lúcia Magueta** - Politécnico de Leiria, Portugal

**Filipa Rodrigues** - Politécnico de Leiria, Portugal

**Maria de São Pedro Lopes** - Politécnico de Leiria, Portugal

**Sandrina Milhano** - Politécnico de Leiria, Portugal

# ÍNDICE

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>7</b>
Rosalinda Chaves	
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>Lúcia Grave Magueta, Jenny Sousa, Sandrina Milhano, Maria de São Pedro Lopes</b>	
<b>PARTE I – PRÁTICAS DE INVESTIGAÇÃO EM INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO ARTÍSTICAS</b>	
<b>Capítulo I - <i>Pensar a ação em investigação e intervenção musical – cruzamentos entre ação pedagógica, participação, prática artística e produção científica</i> .....</b>	<b>17</b>
<b>Sandrina Milhano</b>	
<b>Capítulo II - <i>A animação artística em contextos de institucionalização de pessoas idosas.....</i></b>	<b>31</b>
<b>Jenny Sousa, Ana Fontes, Miguel Mesquita</b>	
<b>Capítulo III - <i>Nota breve sobre Emoções e outras Aprendizagens</i> .....</b>	<b>45</b>
<b>Maria João Santos</b>	
<b>Capítulo IV - <i>A linguagem plástica na intervenção educativa, social e cultural: desenvolvimento da experiência de formação «Autorretrato»</i></b>	<b>55</b>
<b>Lúcia Grave Magueta</b>	
<b>Capítulo V - <i>Dançasaterapia- Um encontro Brasil x Portugal</i> .....</b>	<b>65</b>
<b>Aline Rodeguer</b>	
<b>Capítulo VI - <i>A mediação cultural coeducativa: um relato de experiência do programa Há Teatro no Museu!</i> .....</b>	<b>81</b>

**Ana Paula Proença**

**Capítulo VII - (Re)Conexões cartografadas ..... 95**

**Filipa Rodrigues, Mary Bento, Dina Fonseca, Isa Mara Coutinho,  
Cláudia Jerónimo e Tânia Lhera**

**PARTE II – PROJETOS DE INTERVENÇÃO E ANIMAÇÃO AR-  
TÍSTICAS**

**Capítulo I - Teatro nos Museus - Um projeto de Intervenção ..... 111**

**Ana Moderno**

**Capítulo II – Cegonha de Mim: A Intervenção Artística e a Expressão  
das Emoções em Cuidadores de Crianças em Tratamento de Saúde ..... 123**

**Enne Marx**

**Capítulo III – Animação terapêutica em contexto de exclusão social /  
marginalização ..... 135**

**Idália Bento**

**Capítulo IV - O uso do audiovisual como ferramenta de intervenção  
artística-social ..... 147**

**Rita Assunção**

**PREFÁCIO**

O que nos torna humanos? Será a nossa consciência de que a mudança é possível? De que a evolução não só é uma realidade irrenunciável, como as nossas decisões são preponderantes para a continuidade da existência do Ser?

Todos sofremos. Porém, estou certa de que não existirão, à partida, «pessoas más». Acredito, pois, que todos nós temos oportunidades, mas que nem sempre temos as melhores condições para as receber, para as abraçar. Muitas pessoas, no seu caminho, foram perdendo momentos,

foram perdendo possibilidades de desenvolver coisas «boas», e acredito que isso acontece quando essas pessoas não tiveram as condições ideais, ou sequer suficientes, para as conseguir aceitar, potencializar.

Estão por isso de alguma forma limitadas, limitadas por que não conseguem ver aquilo que vai além da sua realidade. A sua visão está restringida... àquilo que conhecem. Não acreditando, não há mudança, apenas por não conseguir ver mais.

Não culpemos nem as pessoas, nem os pais, nem os professores, nem sequer a própria sociedade. Acreditemos simplesmente que talvez isto faça parte da nossa natural evolução. É, somente, um caminho que há a continuar, enquanto indivíduos e também enquanto humanidade. E que ainda é longo e, provavelmente, doloroso. Que, incontornavelmente, não terá fim.

E ninguém nos ensina como nascer, crescer ou morrer. Mas sabemos que quando envolvidos em espaços de confiança, respeito e partilha, nós sentimo-nos seguros, confiantes para explorar aquilo que é interno e que há em nós. Através de estímulos, mais ou menos provocados, em meios seguros de exploração criativa, o Ser volta a querer estar em contato consigo próprio, a ouvir a suas próprias histórias, narrativas e emoções! Será talvez esta uma forma de conseguir ganhar perspetiva e abrir espaço para podermos ver além daquilo que a nossa realidade nos permite?

A introdução da exploração da nossa individualidade através da Artes é, portanto, não só crucial como imprescindível! A educação formal deve abraçar com o mesmo carinho que as matérias formais aquilo que as metodologias criativas permitem. Precisamos de saber ler, escrever, contar, fazer raciocínios, saber a nossa história, compreender o que nos rodeia... mas precisamos de criar condições para que esse entendimento seja ainda maior! Que consigamos «pensar sobre» aquilo que aprendemos e, sobretudo, elaborar sobre as informações que nos chegam.

Numa era onde a partilha digital nunca foi tão veloz e pouco fiável, mais que nunca precisamos talvez de retomar as considerações de Paulo Freire (e outros pensadores tão mais antigos) que nos recordam que o caminho para a equidade e respeito por todos os povos parte do pensamento e da

reflexão. Mas como conseguir isso plenamente, se não nos conhecermos a nós mesmos? Se não tivermos condições para explorarmos o nosso potencial? Como não permitir que os nossos egos, medos e ambições se sobreponham ao nosso íntimo na sua necessidade de cuidar e proteger o que nos rodeia? Num mundo tão exigente, agressivo e incerto... como proteger a nossa saúde mental e continuar a permitir um (auto)desenvolvimento feliz?

*É por isso que a criação deste Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas tem tanta relevância. É urgente lembrar ao mundo que as Artes são necessárias e que os povos sem cultura não se desenvolvem plenamente; sem reflexão, não se libertam das práticas dominadoras, não são livres. E se vivermos em opressão, em desvantagem, em escassez.... Se vivermos alienados, como poderia ser sequer realista conseguirmos abrir espaços para ouvir e dialogar com os nossos próprios conflitos internos?*

Ao experimentar a Arte, nós não ficamos estáticos! Nós sentimos! E é em contacto com as nossas emoções que mais nos podemos desenvolver!

Com as Artes, encontramos um dos caminhos mais fáceis para a verdadeira experimentação da liberdade. Com as Artes, nós vamos além daquilo que a nossa mente nos limita, pelos seus medos e bloqueios. Com as Artes, criam-se autênticas oportunidades de reencontro com a nossa essência. Para a verdadeira descoberta do Eu, do Outro e do Nós.

Com as Artes, nós estamos em relação. E se as Artes emancipam, a exploração criativa pode devolver-nos o poder! Num caminho espiritual, que não é esotérico nem mágico, mas sim natural, assim, ganhamos fé, ganhamos crença, de que temos e queremos a responsabilidade de devolver ao mundo tais oportunidades.

As Artes são catalisadoras de sentidos. Estes Cadernos de Intervenção Cultural e Educação Artística não são mais do que isso; a transposição para a escrita de crenças, práticas e reflexões conscientes, desdobradas por um grupo de pessoas que tem fé.

Por isso, desafio o leitor a, mais do que tentar compreender estas palavras humildemente aqui eternizadas, a experimentar imaginar-se nelas, a sentir através delas, a se projetar além do visível... Experimente arriscar, conhecer-se um pouco mais.

E seja curioso pelo que pode descobrir.

Bem-vindo.

**Rosalinda Chaves**

*Psicóloga Clínica e da Saúde*

*Mestre em Intervenção e Animação Artísticas*

*@ DESPHOCO fotografia e bem-estar*



## Capítulo VI

### *A mediação cultural coeducativa: um relato de experiência do programa Há Teatro no Museu!*

Ana Paula Proença

*Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria, Portugal*

#### Resumo

Este estudo aborda a mediação cultural coeducativa e as estratégias criativas que nesse âmbito foram implementadas (Proença, 2013), numa experiência de educação artística colaborativa, com a participação das crianças, pela primeira vez, no Museu Nogueira da Silva - UM, Braga. Relata uma experiência realizada em parceria com o serviço educativo: o Programa *Há teatro no museu!* Foram usadas estratégias de criatividade artística despoletadas pela Expressão Dramática/Teatro, tendo como recursos indutores os elementos do património numa perspectiva de intervenção artística em contexto educativo não formal. Neste artigo, discute-se a metodologia e as narrativas que legitimam a experiência. Alguns resultados levam a afirmar que tanto a investigadora como a profissional do museu, ampliaram a sua ação individual através desta mediação em coeducação cultural (Buffet, 2001) reconhecendo que o processo de investigação-ação participativa, contribuiu para aumentar o seu conhecimento acerca das formas de aprendizagem artística e cultural da criança. No seu conjunto, o programa motivou as crianças para a criação artística teatral, aumentou o seu conhecimento sobre os objetos e elementos do património deste museu e promoveu a aquisição do sentido de pertença, através da ligação afetiva criada e fruída do espaço museológico, reforçando a interação no grupo de crianças participantes, pelo tipo de dinâmicas criadas.

**Palavras chave:** expressão dramática/teatro; investigação-ação; educação artística; mediação cultural coeducativa; património museológico

#### Introdução

A relação museu-escola-comunidade tem sido estudada por nós, a partir do projeto Museu-Escola -Comunidade (MEC) financeiramente apoiado pela (Fundação Calouste Gulbenkian [FCG], 2001), o qual permitiu a dinamização de ligações entre

sete museus e as escolas que se associaram, no Norte de Portugal, em colaboração com uma equipa de especialistas franceses e ingleses. Esta experiência, com a inclusão de sete sub-projectos apresentados pelos museus participantes da região de Braga, originou a participação direta da autora na dinamização de dois deles: um com o Museu-Mosteiro de S. Martinho de Tibães e outro com Museu Nogueira da Silva da Universidade do Minho [MNS-UM]<sup>1</sup>. Por essa razão, existe um conhecimento implícito dos contextos de intervenção do projeto MEC. Pareceu-nos interessante continuar a estudar novos efeitos das ações despoletadas pelo anterior projeto, alguns anos mais tarde (2009). Por vontade de ambas as partes, (responsável pelo serviço educativo do Museu Nogueira da Silva e autora investigadora) em prosseguir uma investigação empírica nasce desta forma o projeto *Há teatro no Museu!*, criado em parceria, num contexto de abordagem mais livre, em formato de Oficina de Teatro, em tempos de férias escolares, aberta a crianças e jovens entre os 6 e os 12 anos. Este programa que continua pontualmente ativo, desenvolve-se ainda, com outros contornos, com um outro museu que o requereu: o Museu do Brincar- MB, com instalações no Palacete Visconde de Valdemouro, em Vagos, desde 2015.

Ampliaram-se desta forma as questões de fundo que se pretendiam estudar, sobre o papel da Expressão dramática/teatro num quadro contextual da mediação cultural coeducativa e formularam-se objetivos:

- Identificar as razões que levam profissionais dos museus a envolverem-se em projetos de investigação-ação articulados com profissionais da educação.
- Compreender melhor os efeitos da Expressão Dramática/teatro nas crianças participantes, através da mediação cultural coeducativa entre profissionais de dois diferentes campos profissionais: educação e cultura.

O relato da experiência insere a metodologia num paradigma de investigação-ação participativa, com características particulares inerentes a uma investigação em

---

<sup>1</sup> O Museu Nogueira da Silva é uma Casa -Museu que António Nogueira da Silva (1901-1976) entregou, em 1975, por testamento, à Universidade do Minho, tendo sido sua pertença, esta casa e jardim adjacente, localizada no centro da cidade, com um conjunto de importantes obras de pintura, escultura, mobiliário, ourivesaria, vidros, tapeçaria, tecidos e porcelanas. Fonte: MNS.

educação artística e cultural. Sob uma metodologia de “investigação – na/pela – ação” assim descrita por Esteves (1986), apresenta-se um relato de experiência contextualizada num espaço de educação não formal, descrevendo em parte, as suas dinâmica de resultados.

A mediação artística, cultural e pedagógica usadas na integração da expressão dramática/teatro a partir de elementos do museu, foi articulada com a responsável do serviço educativo do Museu destacando as trajetórias de uma etapa, episódios do programa, observações e comentários das investigadoras, extraídos dos registos de observação dos diários do programa e reuniões *focus group* (Soares Silva, I. et al, 2014).

## **Paradigma de investigação-ação participativa**

A Investigação-Ação (IA) sendo um processo que liga as ações do dia-a-dia com a investigação, permite compreensão dos contextos e mudança ao mesmo tempo. Desta forma, atribui-se um sentido genuíno e um valor com relevância em educação. No entanto, são várias as definições dadas para IA. Constituí, portanto, uma forma de questionamento auto e hetero reflexivo adotada pelos participantes objetivando promover o conhecimento das suas práticas em contexto. “É um paradigma de investigação que permite desenvolver conhecimento e compreensão como parte da prática” (Carr e Kemmis, 1986, p.162). Todas as definições de IA têm componentes de processos de ação de mudança social ou de reflexão e conhecimento sobre essa mudança. Implicam, por isso, um desafio sobre o conhecimento e sobre a produção do conhecimento. É, não obstante, um processo cíclico para o qual foi produzido um modelo com quatro componentes principais: Refletir, planificar, observar e agir. Mais do que um processo cíclico, a IA desenvolve-se em espiral porque, quando se completa um ciclo de investigação e de ação, promove-se um novo conhecimento que depois leva a uma planificação avançada e a uma nova ação e assim sucessivamente. Embora este seja o modelo completo de IA, foi simplificado da seguinte forma: ação-reflexão crítica-ação.

O processo simplificado traduz-se numa ação seguida de uma reflexão e, como tal, é um processo de alguma forma natural. A reflexão toma em consideração vários aspetos: como correu a ação, o que foi apreendido através da experiência, como pode a experiência ser melhorada. Este ato pode conduzir à promoção de

conhecimento com conclusões derivadas da prática e, a partir daí, poderem ser preparadas e levadas de novo à prática. Com a IA deve acontecer uma avaliação crítica, especialmente dos aspetos da ação que produziram resultados inesperados. O processo também requer colaboração reflexiva.

## **Contributos epistemológicos deste relato de experiência**

Pode constatar-se que a IA se desenvolve em três polos: a ação que tem o objetivo de atingir a mudança social num determinado contexto; a investigação através da procura de dinâmicas atuais e a intencionalidade dos atores, que é da ordem do processo de conhecimento e ação, movimentando capacidades cognitivas e relacionais dos sujeitos em função de objetivos específicos. Essencialmente por ser uma abordagem com alto grau de flexibilidade na sua implementação, esta pode simplesmente ser realizada- *performed* como séries de reuniões no local de trabalho e com metas- *tasks* de seguimento *-follow-up*. Na realidade IA pode ser um instrumento para a mudança. Como tal, tende a ultrapassar a persistente tendência auscultada da investigação para o seu impacto na prática ou para a promoção de novas práticas. Este é um dos principais propósitos da IA e um dos seus principais princípios e suportes filosóficos. Assim, foca-se em assuntos pertinentes para o investigador e é diretamente relevante para o contexto local/profissional e incorpora em si um potencial de melhoria da forma de funcionamento das instituições por trazer fortes benefícios de comunicação. Sendo participativa assenta numa perspectiva humanista de ativismo social, cultural e comunicacional. Não só “constrói pontes” entre os grupos e o investigador através do envolvimento direto, como pode ainda mediar falhas e aberturas entre as instituições e os seus representantes. Desta forma, a IA revela-se processo de aprendizagem para todos os envolvidos. A reflexão crítica realizada, permite oportunidades de repensar os problemas nas áreas em que está a ser testada a ação. O conhecimento adquirido permite oportunidades de reflexão participada que, por sua vez, traz avanço na consciência e na prática dos sujeitos. No entanto, há um número de limitações para a IA que deve ser entendido e equacionado. A IA requer muito tempo e energia ao longo do processo. Pode acontecer uma resistência à mudança geral, como também podem ser criadas resistências aos esforços do investigador para ter acesso aos dados e às observações. As críticas à IA residem na base dos problemas de “dados”

e “resultados”, argumento que é usado por alguns autores como não tendo representatividade, não poderem ser generalizáveis. Todavia, a IA é válida para a investigação em educação em muitos aspetos, sobretudo no desenvolvimento profissional dos professores. Similarmente, sendo usada a IA no processo de ensino, haverá um acréscimo para o professor reflexivo, que queira fazer investigação e que deseje valorizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional.

No que se refere à recolha e à interpretação de dados, a organização destes deve ser feita utilizando-os, cruzando-os com a literatura para planificar o desenrolar de uma nova ação e avaliar os resultados. Esta, é a espiral da IA, que pode continuar por tanto tempo quanto o investigador estiver interessado. Na opinião de Esteves (1986), sendo esta metodologia uma “lógica de aproximação à realidade”, nesse trabalho de aproximação, misturam-se técnicas mais ou menos específicas, com elementos teóricos e epistemológicos: estes últimos fundamentam quer as teorias, quer as práticas.

Nenhum processo investigativo se pode limitar ao conceito de “observação de um objeto por um observador” (Devereux *in* Esteves, 1986: 253). Então, teoria e observação, interagem, enriquecem-se e até se reestruturam continuamente, como se o objeto agisse sobre o observador. Na realidade, acontecem visões que a abrem para a reflexão, sem preconceitos teóricos ou metodológicos que viessem a observação científica. Neste processo apela-se à “humildade do investigador perante o que o *objeto* lhe pode dizer”. “Objeto” esse que tem uma história, como o observador participante tem a sua. Daí o conceito de *praxis* (Armistead *in* Esteves, 1986: 253) no sentido do “compromisso de um sujeito ativo com o seu meio”. Considera-se uma visão que supera o determinismo histórico, o conhecimento deixa de ser “exterior” ao objeto. Passa a haver uma “concepção pragmática do conhecimento” (Esteves 1986: 254).

Sobre a compreensão do que fundamenta a IA, já Dewey (1938) quando fala das “possibilidades alternativas” e no chamado “jogo dos possíveis”, sobre esta mesma ideia, afirma que o nosso conhecimento atento à realidade que investiga a “situação problema” pode gerar uma nova situação, pretensamente mais determinada, mais ordenada ou mais criativa. O primeiro passo da “transformação” da situação é “reconhecer que uma situação requer uma investigação” (Dewey, 1938 *in* Esteves, 1986: 255). Dá-se, então, um encontro com a realidade, em que o investigador tem

consciência do seu caráter problemático e difuso. Esta postura é de abertura e atenção a tudo o que a situação lhe pode dizer. Só assim poderá avançar para a criação de alternativas para a solução do problema e explorar possibilidades de ação para atingir esses fins. Estamos em pleno domínio do artefacto - resultado inerente ao modo humano de agir no mundo. De facto, “o que é a realidade” implica a reflexão sobre “como a realidade se tornou o que é?”. Podemos desta forma afirmar que a determinação de “como as coisas podem ser” para a realização de determinados objetivos delimita um conjunto de saberes que não se resumem às disciplinas científicas nem à sua “aplicação” (Esteves, 1986: 255). A natureza dos interesses fundamentais “é postulada pela história do género humano” (Esteves, 1986:257), daí que se fale da historicidade do conhecimento e da íntima relação deste com a prática, própria de um dado momento histórico da espécie humana. É o interesse da auto perpetuação da espécie que une a extraordinária capacidade de adaptação aos constrangimentos da natureza, com a “força transformadora da razão”. O importante para a reflexão sobre a investigação-ação, é que “a verdade define-se pela prática sobre o objeto a que se refere” (Habermas, 1990: 260). Sendo assim, é pelo grau de envolvimento com o objeto e pela expressão narrativa dessa prática, que se compreende que ela se pode tornar, na medida do possível, um processo transformador. A teoria de IA pode responder a uma contínua e alargada atenção ao campo em que se situa o objeto de estudo, construindo e reconstruindo a enunciação dos factos e as interpretações dos mesmos. Com a sua componente reflexiva e de atuação, em função de situações concretas e objetivas, para as transformar, no sentido de melhorar a qualidade da escola e da educação (Hopkins, 1985; Ainscow, 2000), e a vida das pessoas (Bogdan e Biklen, 1994), é uma atitude a desenvolver pelos professores para que a escola possa dar resposta à diversidade social e cultural dos alunos, tornando-a uma escola promotora de sucesso, na sua comunidade de pertença. Outros investigadores em investigação-ação participativa, acentuam a importância de técnicas e métodos coerentes e íntegros cientificamente. Sob uma metodologia de investigação – na/ pela – ação colaborativa assim descrita por Esteves (1986), apresenta-se o programa que foi criado e contextualizado ao longo do seu desenvolvimento, descrevendo o processo de mediação cultural coeducativa.

## **Contributos teóricos sobre mediação cultural coeducativa**

Criar um projecto de colaboração, é construir novas relações entre os profissionais de vários campos, com objectivos comuns. (Proença, 2013). A conjugação de conhecimentos e experiências de cada profissional contribui para atingir os objectivos propostos favorecendo igualmente o conhecimento e a construção de competências de ordem transdisciplinar. O desafio desta acção articulada, é o de construir uma *visão comum* (Buffet, 1998:16). A colaboração voluntária na investigação-ação articulada neste Programa, realizando algumas das etapas de mediação cultural (Proença, 2008) articulada, derivou da capacidade de envolvimento pessoal dos profissionais que, tendo estabelecido uma relação de proximidade, por sua vontade, se empenharam na realização de um programa inovador de mediação colaborativa em coeducação cultural. Estes traduziram-se numa “série de actos materiais ou intelectuais supondo reflexão e combinação de meios com vista a obter um determinado resultado” (Buffet,1998:17).

Para convocarmos o conceito de mediação em colaboração face à criança, referimos Bruner (1997), que afirma que é no contexto da interacção social que a criança pode atingir metas, que a sua capacidade não lhe permite atingir sozinho. Também Mead (1986) faz uma análise sobre o processo de mediação afirmando que este se estende à consciência de objectos físicos por parte da criança, sobre a aquisição do significado: “o processo de ter uma ideia é, no caso da criança, um processo de interacção com os que a rodeiam ou seja, um processo social” (Mead *in* Baldwin, 1986: 93). Por outro lado, os estudos de Hana Gottesdiner (1997) sobre frequência de museus em adultos, demonstraram que experiências significativas em um museu, têm implicação na sua frequência, mais tarde, se esta for realizada através de “um iniciador, ( um amigo, um companheiro, um professor apaixonado), pois é numa relação afetiva que se baseia a prática dos museus, e isso quase sempre durante a infância ou adolescência” (Gottesdiner, 1997:17).

Os processos de educação artística de carácter teatral do Programa “Há teatro no Museu” basearam-se nos processos dramáticos das convenções do Drama (Heathcote,1994), no conceito de Expressões artísticas integradas (Valente, 2005) na Pedagogia de situação, (Barret e Landier, 1982), no Jogo Teatral (Spolin, 2007; Koudela, 2001) e na Improvisação (Salas, 2010).

Segundo Françoise Buffet, uma presença ativa e interativa em colaboração entre profissionais da educação e da cultura, está na base da mediação cultural coeducativa (Buffet, 2001; Caillet, 2000; Proença, 2013), a qual temos vindo a defender. Esta valoriza os profissionais participantes e as suas bagagens de experiência, de conhecimentos e de competências, nas várias formas de mediação, que cada um transporta consigo, para a acção educativa (Proença, 2006). Combinam-se, desta forma, a compreensão e a consciência do enriquecimento que é possível atingir, pelas sinergias e pela complementaridade dos contributos de cada um.

A criação de personagens a partir das pinturas-retrato, os processos de criação coletiva e recriação de narrativas literárias, que incluíram objetos, peças de mobiliário, tapeçarias e esculturas do acervo museológico, promoveram um contexto de interação social e cultural único com base no questionamento, na criatividade, na escuta do outro, no respeito e na aprendizagem em grupo.

## **Movimentos do Programa que suportam os processos metodológicos**

O programa *Há teatro no Museu!* compreendeu na primeira fase, aqui descrita, a componente de desenvolvimento de trabalho entre profissionais, numa primeira instância na análise dos objetos do museu, focando os sentidos possíveis de interpretação que permitissem a valorização da experiência, no sentido que nos traz Bruno Brulon “O objeto de museu assim é uma “permuta de significados” e o trabalho sobre as coleções em um museu, só tem sentido se colocado em relação com o campo de pesquisa, onde o objeto constitui o “pré-texto”. (Brulon, 2016:111)

O desenvolvimento do trabalho prático em formato de Oficina, ao longo de duas semanas, com crianças e jovens partiu da técnica criativa questionamento e da integração de temas múltiplos. Esta ênfase nos objetos que despertaram curiosidade no interior e no exterior do museu, e no seu significado, passou pela literatura e recriação do conto de Ondina Braga: “O peixe dourado e o vaso de junquilha” e terminou nas carrancas de uma das fontes do jardim do Museu.

As bases deste programa educacional desenvolve-se a partir de temáticas e de várias coleções temporárias, pontualmente em dois museus-MNS em Braga, e no Museu do Brincar-MB, em Vagos. Iniciou-se com um grupo de 8 crianças e jovens entre

os 6 e os 12 anos, em Braga, centrando-se no objetivo de ampliar as possibilidades de intervenção cultural e pedagógica de profissionais de campos diferentes contemplando a inserção da linguagem teatral no ambiente museológico. Para reconhecer os elementos do património que mais atraíam a curiosidade das crianças, neste museu, foram estabelecidas ligações entre os elementos e objetos que suscitaram mais curiosidade na sua primeira visita ao museu, refletidas pelas duas profissionais, à posteriori e consideradas as várias possibilidades de expressão artística: visuo-plástica, movimento e drama. Feita a receção na entrada do museu e sempre acompanhados pela mediadora e pela profissional do serviço educativo, o percurso museológico iniciou-se através de técnicas criativas de questionamento e propostas de resposta de exploração através de elementos da linguagem teatral, como espaço, corpo/voz, estrutura narrativa, diálogos e monólogos. As modalidades teatrais que serviram esta base foram o jogo dramático, o jogo teatral e jogo simbólico como vias de conhecimento vivenciado de relação com os elementos do património, sendo abordadas e consideradas consoante os objetos e os espaços interiores e exteriores.

**Quadro1- *Questões iniciais do programa da oficina Há teatro no museu!***

Questões	Respostas
No espaço de receção do museu:	”É uma casa com coisas antigas que as pessoas guardaram, para os outros verem”
O que é para vós um museu?	<p>“É um lugar onde podemos aprender acerca do passado”</p> <p>“É um lugar onde temos que ser muito cuidadosos, não podemos mexer nas coisas...”</p> <p>“É um lugar importante com coisas importantes”</p>

<p>E... porquê, o nome desta Oficina “<i>Há teatro no museu?</i>”</p>	<p>“Porque o Museu tem personagens escondidas nas pinturas.”</p> <p>“Porque no museu nós podemos imaginarmos como se fossemos uma personagem que existe no museu”</p> <p>“Porque o Museu tem um espaço para fazer teatro!”</p> <p>“Porque a professora de teatro está no museu!”</p> <p>Porque o museu tem um teatro para nós vermos!”</p>
<p>Se a minha casa fosse um Museu como seria?</p>	<p>“Seria grande!</p> <p>“Seria com muitos móveis, com muitas gavetinhas...”</p>
<p>O que teria lá dentro?</p>	<p>“Coisas preciosas”; “Coisas especiais”; “Muitos quadros”</p>
<p>Expressão visuo-plástica:</p> <p>O que eu guardaria para mostrar a toda a gente?</p>	<p>Considerando esta questão, foi proposto às crianças que desenhassem o que guardariam na sua casa-museu.</p> <p>As respostas desenhadas foram de três tipologias:</p> <p>Anéis e colares de diamantes</p> <p>Peças de cerâmica com variadas referências</p> <p>Quadros com figuras pintadas</p> <p>Na sua maioria, desenharam uma casa e divisões da casa, incluindo quadros nas paredes. Uma criança desenhou um palácio com quadros nas janelas. Outra, colares e anéis.</p>

A partir destas questões, colocadas na recepção do museu, iniciou-se a visita começando por contar a história do Sr. Nogueira da Silva e do seu gosto por coleções trazidas dos lugares que visitava. Em seguida, os percursos, foram-se desenhando consoante a curiosidade das crianças sobre os objetos, peças ou obras de arte que mais lhes chamavam a atenção, obtendo respostas por parte da profissional do museu e desafios expressivos na descoberta e exploração, promoveu

uma atenção, um conhecimento e uma realização que proveio do interior e não por via externa.

## **Conclusões**

As observações diretas das orientadoras da oficina assente na análise das dinâmicas desenvolvidas, com registos em diários foram sendo complementados com registos fotográficos. Estes instrumentos de recolha de dados, fornecem evidências das múltiplas respostas exploratórias e expressivas a nível corporal, vocal, diálogos, viagens entre pensamento e expressão de sentimentos; criação coletiva de quadros-cena improvisados, muitas vezes realizados frente ao objeto, ou a partir da história do objeto. Associar diferentes técnicas teatrais multi-processuais e incorporar na ação, o procedimento metodológico expressivo de opção mais apropriado, a partir da curiosidade da criança, revelou-se, quanto a nós, um caminho desafiante na ação direta e bastante interessante de investigação-ação, neste contexto museológico, com características específicas mas reveladoras de evidências dos efeitos de uma mediação cultural coeducativa.

Concluímos nesta primeira fase, que construir relações entre profissionais da educação e da cultura, pode estabelecer diferenças nos contextos de intervenção local, pode reforçar identidades, divulgar e criar uma maior relação entre as artes e cultura. Analisámos e refletimos sobre o nosso papel de facilitadoras - investigadoras, e sobre o fortalecimento dos processos educativos identitários das instituições educativas e culturais no trabalho articulado com a comunidade, face ao património, em particular com o público em idade escolar.

François Matarasso no seu artigo “Incerteza e prática artística” (Matarasso, 2010) fala acerca do papel do artista na sociedade pós-moderna. Evoca as características do facilitador - artista, sobre o que este tem de animador cultural e reforça ainda como a intervenção artística, é hoje, de ordem social e colaborativa. Sobre a arte e ato criativo, este autor de referência nas artes participativas, afirma que “o ato, dá origem a (cria) algo que não existia anteriormente, mas a arte encontra-se no ato, não na coisa que este cria. O ato pode criar um objeto, uma composição, uma atividade performativa, uma história, um símbolo ou uma experiência.” (Matarasso, 2019:39).

Desta forma, o animador, o professor ou o artista com formação em linguagem dramática e teatral, pode estabelecer uma via específica de intervenção numa instituição cultural pela mediação cultural coeducativa, através do ato criativo. Este, causa impactos nos participantes e também na instituição de pertença. Concretamente, por parte do museu, traduziu-se numa maior abertura à comunidade. Esta conclusão, afirma-se pela repetição do programa e pelo aumento do número de crianças inscritas nas oficinas *Há teatro no museu!*, que se seguiram, a partir de novas propostas, como o exemplo da exposição temporária de Armanda Passos (2015), no MNS, em Braga.

Elegendo a linguagem teatral como ferramenta privilegiada de promoção cultural, os resultados reflexivos analisados em *focus group*, revelaram por parte das crianças o crescimento das suas relações de confiança numa dimensão pessoal e grupal, bem como um notável crescendo da sua expressividade artística. Revelam-se ainda evidências sobre a capacidade de arriscar, improvisar, “fazer “através de “combinar como fazer” sendo apoiada esta ação, pelas técnicas de escrita criativa, desenho, linguagem teatral, figurinos e adereços possíveis de escolher e usar.

Foi sentido e reforçado o respeito pelo outro, o apoio mútuo e uma forte motivação para a resposta em ação artística improvisada. Por parte das investigadoras, considera-se que pela análise reflexiva, resultou uma maior comunicação de significados, um maior conhecimento didático e pedagógico, cultural e artístico. Ainda sobre o património e sobre os elementos da linguagem teatral, revelou-se uma poderosa articulação entre pessoas e instituições, um cruzamento de visões e reflexões e o desenvolvimento de um novo programa, através da ação e da investigação. Implicou mudanças interventivas emergentes na programação do contexto museológico, onde se enquadram os programas sequenciais de educação artística e patrimonial de reforço da relação museu-escola-comunidade.



## Referências bibliográficas

- Barret, G. e Landier, J. (1994). *Expressão Dramática e Teatro*. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brulon, B. (2016). “Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir”, *Transformação*,(28) (1):107-114.
- Bruner, J. (1997). *Actos de significado – Para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70.
- Buffet, F. (1995). *Entre école et musée: Le partenariat culturel d'éducation*. In Revue de l'IUFM de Lyon – n.º 4, Juin.
- Buffet, F. (1999). O museu e a escola: Parceiros de projetos educativos para uma problemática da coeducação cultural. In Patrícia Joyce Fontes (Coord); Ana Paula Proença Macedo & Luís Manuel Mateus (Orgs.). *Cadernos Encontro 27-26. O museu, a escola e a comunidade. Encontros workshops Outubro e Dezembro 1997*. Braga: CESC/IEC/ Universidade do Minho.
- Caillet, E. (2000). *Médiateurs pour l'art contemporain: répertoire de compétences*.  
*Confluences: Revue de l'IUFM de Lyon - nº 4. s/p*. Paris: La Documentation française.
- Carr, W., & Kemmis, S. (1986). *Becoming Critical: Education, Knowledge and Action Research* (Lewes, Sussex: Falmer).
- Davallon, J. (2002). Reflexions sur la notion de médiation muséale, *L'Art contemporain et son exposition*, 1. 41-61. Paris: Ed. de L'Harmattan.
- Esteves, A. J. (1986). A investigação-acção. *Metodologia das ciências sociais*, 15, 251-278
- Fox, H., Salas, J., & Sparrow, J. (2000). The Beginnings: Reflecting on 25 years of Playback Theatre. *Interplay*, XI, 2.
- Gottesdiner, Hana (1997). O que se sabe dos visitantes dos museus. *Cadernos encontro, O museu a escola e a comunidade*, 1, 7-17. Braga: CESC/IEC/ Universidade do Minho.
- Habermas, J. (1990). The hermeneutic claim to universality. *The hermeneutic tradition: from Ast to Ricoeur*, 245-272.
- Koudela, I.D. (2001). *Jogos Teatrais*. São Paulo. Perspectiva 4ª edição.

- Matarasso, F. (orgs.) (2001). *Recognizing Culture: Briefing Papers on Culture and Development*, Comedia /UNESCO.
- Matarasso, F. (2019). *Uma arte irrequieta*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Proença, A.P. (2006). Formas de mediação cultural entre escolas e museus. In *Itinerários*, revista de Educação do Instituto Superior de Ciências Educativas. 2ª serie, nº3, 75-85.
- Proença, P. (2013) *A Expressão Dramática/Teatro no 1.º Ciclo do Ensino Básico: investigando a mediação cultural coeducativa nas relações museu-escola-comunidade*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Évora.
- Soares Silva, Isabel, & Veloso, Ana Luísa, & Keating, José Bernardo (2014). Focus group: Considerações teóricas e metodológicas (26), 175-189: <https://www.redalyc.org/> Spolin, V. (2007), *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. Perspectiva.
- Valente, L. (2000). Da educação pela Arte às Expressões Artísticas Integradas: contributos de uma Formação Holística de Professores. In C. Cabral (org.), *Estudos de Homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos*. Lisboa: Livros Horizonte - Biblioteca do Educador Profissional.
- Valente, L.; & Proença, A. P.; & Espiridião, A.; & Chafirovitch, C.; & Wengorovius, R.; Alinho, C. & Bezega, I. (2006). *Creative Partnerships for Interventive Communities*. Comunicação apresentada na Conferência Mundial da Educação Artística da Unesco em Lisboa de 6 a 9 de março) Lisboa: UNESCO. <http://w.w.w.portal.unesco.org/culture>
- Valente, L. (2009), Teatro Emancipatório e Investigação-Ação Participante. In *Itinerários*, revista de Educação, Instituto Superior de Ciências Educativas. 2ª série, nº 6, 25-35.

